



# DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — L. R. PEREIRA — Quinta do Bacalhau — V. F. de Xira  
A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto

Administrador — JOAQUIM DE PINA CABRAL — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

## MENSAGEM EPISCOPAL

# SANTÍSSIMA TRINDADE

**S**OLENISSIMA deve ser a comemoração do Mistério da Santíssima Trindade, inefável mistério de três pessoas distintas em um só Deus verdadeiro, na perfeição completa do Amor, na sublimidade misericordiosa duma redenção eterna, no conforto espiritual das almas. Mistério que não podemos definir humanamente, a menos que nos embrenhemos em mais profundo mistério, mas o homem que nasceu de novo, que já não é apenas carne, mas é principalmente espírito, vai-o sentindo em realidade dentro da alma, vai-o conhecendo nas expressões significativas do cap. IV do Apocalipse, arrebatado, como S. João Evangelista, até à porta aberta do céu, ouvindo e compreendendo a voz, qual trombeta anunciadora, da magestade do Reino e do Trono de Deus, o Todo Poderoso, que era, que é e que há-de vir.

Não nos é dado devassar a matemática dos céus, mas, pelo poder da fé, aceitamos os sublimes ensinamentos revelados pelo grande e divino Mestre, Jesus Cristo, quando diz:

«Eu e o Pai somos um». «Todos sois um em Mim, como Eu e o Pai somos um». «Não vos deixarei orfãos; voltarei para vós». «Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro consolador para que fique convosco sempre».

Não há problema mais misterioso e inexplicável do que a trindade da nossa própria natureza — corpo — espírito e alma — e, contudo, não há nela contra-ção ou conflito.

Prestemos, pois, devida e merecida homenagem a Deus em trilogia perfeita de glória, honra e poder. Glória à Sua magestade, Honra ao Seu Santo Nome, Poder à Sua divindade.

DEUS, criador dos céus e da terra. Criador do mundo que conhecemos; dos mundos que a nossa inteligência perscruta; da nova terra e do novo céu que a nossa fé antevê e deseja.

DEUS — Redentor — O Verbo que habitou entre nós e, na redenção sublime e eterna do calvário, nos dá um novo corpo, limpo e são, um espírito de justiça, paz e amor, uma alma pura.

DEUS, espírito de verdade, consolador que purifica os nossos corpos, eleva o nosso espírito ao Trono da Graça e do eterno perdão, santifica as nossas almas.

Nascidos da água e do espírito — velhos transformados em novos — pecadores salvos pelo amor do Pai, pela redenção do Filho e pela Graça do Espírito Santo, entoemos na terra como as quatro criaturas viventes entoam sem cessar no céu, de dia e de noite:

«Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus, o Todo Poderoso que era, que é e que há-de vir».

Afirmemos, prostrados em devoção fervorosa, como os vinte e quatro anciãos no céu:

«Tu és digno, Senhor, de receber glória, honra e poder».

Então, melhor cumprimos o grande mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, amando a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso entendimento e, também, o que é semelhante a este e o completa, e ao próximo como a nós mesmos.

António Fiandor

BISPO

## Actividades Episcopais

O nosso Bispo tomou recentemente parte, na reunião da Comissão Inter-eclesiástica das Igrejas Sinodais de Portugal, (a que presidiu), na Sessão solene de encerramento das comemorações das «Bodas de prata» da Associação dos Antigos Alunos das Escolas do Torpe e do Prado e na Comemoração do 57.º aniversário da Liga do Esforço Cristão de Gaia.

Alem disso, promoveu duas reuniões do Clero do Norte, às quais presidiu, bem como ao Sínodo Geral da Igreja, a que noutra parte fazemos referência.

Sua Ex.ª Rev.ª celebrou a Sagrada Eucaristia no Domingo de Pentecostes, na sua antiga paróquia, a Igreja de S. João Evangelista, em Vila Nova de Gaia.

## Sínodo Geral da Igreja Lusitana

Sob a presidência do Rev.º Bispo, reuniu no passado mês de Junho o Sínodo Geral da Igreja.

O culto de abertura celebrou-se na Igreja do Redentor, no Porto, no dia 9 de Junho à noite e as sessões de trabalhos realizaram-se no salão paroquial da mesma Igreja nos dias 10 e 11 e foram precedidas, na manhã de ambos os dias, pela celebração da Eucaristia, em que comungaram, alem dos Clérigos e dos representantes seculares, vários fiéis daquela Paróquia e outros.

Foram estudados vários assuntos e tomadas importantes decisões. Assim, o Sínodo aprovou por unanimidade, após longa e fecunda discussão, a Constituição Jurídica da Igreja Lusitana, e nomeou Comissões para os seguintes trabalhos:

Estudo dos Cânones regulamentares do Estatuto da Igreja Lusitana: Estudo dum plano do Dr. Leopoldo de Figueiredo sobre Instrução e Educação com prioridade dos problemas relativos às Escolas Pri-

(Continua na pág. 7)

# NOTAS E COMENTÁRIOS

Por Paulo Agostinho

## Liturgia

Quando há anos em Paris conversava com um russo branco, antigo refugiado, sobre o estado religioso actual da Rússia, ele manifestou-me a sua convicção de que se o seu povo mantinha vivo o sentimento religioso, através um estado politicamente ateu e materialista, a razão estava no profundo valor e significado da liturgia. Foi a prática litúrgica pelo próprio povo ao tempo da revolução caracterizada por uma perseguição religiosa cruel que pôde unir as almas dispersas na adoração do Criador, dando-lhes a presença e o sentido da Igreja e a orientação espiritual necessária.

O mundo não é feito exclusivamente de eruditos e filósofos (felizmente para nós que tínhamos de os aturar). Pelo contrário. Esta pobre humanidade debate-se ainda num primitivismo de pensamento. Deixada entregue a si própria entraria no campo religioso, facilmente, pelo caminho da superstição e do paganismo.

Quando a Igreja deturpou o objectivo e a prática litúrgica, ou tornando-a inacessível ao povo, afastando-se dele, ou abolindo-a por a julgar desnecessária, pudemos assistir, por falta de exercício devocional íntimo, à perda duma riqueza inestimável, com funestos resultados na evolução anímica das comunidades cristãs que se tornaram ou supersticiosas ou agnósticas.

No meio protestante o preconceito arraigado contra a liturgia é sintoma duma revolta contra Roma, numa directriz errada. O cordeiro não tem culpa que o lobo lhe vista a pele. Querendo atingir os que usavam desnecessariamente uma liturgia tornada complicada e em língua estranha, deitaram fora «num bota abaixo» certas práticas santificadas do culto tradicional, cuja origem vem já do tempo dos patriarcas, de Abraão e de Jacob.

Cristo nunca prêgou contra a liturgia. Seguiu desde menino a melhor tradição judaica do culto. Na mesma noite em que foi entregue, na última ceia, antes de sair para o Monte das Oliveiras, Cristo e seus discípulos entoaram um salmo e oraram em comum, segundo os costumes litúrgicos do seu povo.

No templo, Cristo não censurava as práticas religiosas, mas sim os seus vendilhões, os que se serviam do templo para os seus negócios e interesses particulares. - Na sua doutrina de exaltação da Divindade e do Amor, indigna-se, mas sim, contra os fariseus, contra a hipocrisia, contra o fanatismo e contra a superstição.

Enalteçamos a verdade pura do Evangelho, mas salvaguardemos as riquezas tradicionais da Igreja, uma das quais, a liturgia, conserva uma pureza de doutrina e um tal poder espiritual que uma vez compreendida e aceite, muito beneficiará a concretização do movimento de união que se está desenhando entre os vários sectores do protestantismo pois possui igualmente uma força ecuménica extraordinária. Assim seja!

## Reforma, factor constante da Igreja

Os problemas do mundo evoluem duma forma rápida e tumultuosa. Os povos hesitam em seus caminhos. A Igreja porém tem de ficar firme em sua estrutura, inabalável nos seus credos, nas suas verdades essenciais, nos seus dogmas, impondo confiança e sendo a luz que orienta para Cristo. Mas para esta sua missão, não pode ficar indiferente ao que se passa à sua volta. Tem de conhecer a dialectica da comunidade que a envolve, compreender os homens de hoje, as suas dúvidas actuais, as suas aspirações. E é por isso que constantemente precisa de corrigir e melhorar os seus processos didáticos. Uma coisa é a Igreja na sua verdade intrínseca imutável e eterna, e outra o cuidado em conservar intacta a sua doutrina que pode resvalar e tem já resvalado, pelos males do século, e a forma como se apresenta ao mundo. A Reforma histórica do século XVI foi um exemplo claro da força renovadora da Igreja, procurando voltar à doutrina pura da Igreja, que é a do Evangelho, e, perante o espírito da Renascença, de investigação e valorização do homem, crear no âmago dos crentes, o livre exame, o interesse pelos problemas da Igreja, a cooperação dos leigos, a ideia exacta do seu sacerdotalismo, o seu valor absoluto como elemento da Igreja.

Há anos neste mesmo boletim, tocamos neste mesmo ponto, a necessidade constante de renovação de processos, e, firmes na doutrina imutável da Bíblia, de procurar interpretá-la cada vez melhor no seu sentido espiritual.

Foi com prazer pois, que lemos no numero 129-130 do «Cristianismo» de S. Paulo — Brasil um bem elaborado artigo do seu Director, Rev. Epaminondas do Amaral, sobre «Fora da Época e Fora da Realidade?». Com a devida vénis transcrevemos o período com que conclui as suas considerações: «Precisamos, realmente, continuar a obra da Reforma. Não apenas buscando a unidade eclesiástica, porém levando ao pensamento e à vida da Igreja todas as consequências de um profundo espírito de renovação, a fim de que se alcance uma recuperação integral, neste mundo conturbado mas cheio de desafios e promessas.

Para cada consciência, há hoje uma interrogação pungente. Estará o Protestantismo percebendo o sentido real de sua era e de sua própria vocação? Ou estará vivendo fora de sua época e fora da realidade?»

## Saúde Pública

As sociedades vão conhecendo melhores épocas. Se compararmos, por exemplo, sob o ponto de vista de Saúde Pública, o mundo de hoje com o que era há dois séculos, não podemos deixar de notar a diferença enorme entre estas duas épocas, diferença que quase vai do zero a algo de muito positivo. Temos de reconhecer as grandes realizações da humanidade no que respeita ao bem estar e saúde do individuo, progresso não só devido ao avanço

enorme da ciência, mas também à evolução social que deu ao valor humano a evidência duma riqueza real a preservar.

Com o moderno estudo das doenças crónicas, que em toda a parte está tomando grande incremento, juntamente com uma previdência social e um programa de actividades técnicas para os velhos, começa-se a antever um futuro melhor, com maior saúde física e psíquica e maior expectativa de vida activa. Assim o compreendem todos os povos, que estão procurando entre si uma colaboração mais íntima, a qual se impõe neste mundo que cada vez é mais pequeno e onde a solidariedade humana é cada vez mais necessária.

## O coração, esse desconhecido...

Não sei se tem passado despercebido do grande público as experiências científicas de transplantação do coração de um animal para outro. Estas experiências teem sido efectuadas entre nós pelo Dr. Décio Ferreira. Ouvimo-lo na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. A simplicidade com que descreveu tão complicadas e difíceis experiências que executou em cães com uma aparelhagem toda arranjada por ele próprio, cativou-nos sobremaneira.

Estamos ainda longe, muito longe mesmo, da utilização prática deste estudos de transplantação do coração no campo humano. Mas o caminho percorrido com estas e outras experiências, fez-nos já muito compreender da fisiopatologia e mecanismo deste órgão essencial à vida, permitindo intervenções cirúrgicas e êxitos operatórios em certas doenças do coração, que até ha pouco eram consideradas incuráveis.

## Portugal nas suas provincias ultramarinas

Tem tomado aspecto de surpresa para muitos comentadores estrangeiros a estabilidade, o sossego, a ordem estabelecida nas nossas provincias ultramarinas, as quais se estendem por mais de dois milhões de quilómetros quadrados e com uma população de treze milhões, pela Africa, Indostão, China e Insulindia.

Enquanto os impérios de estrutura aparentemente mais sólida se vão desmorinando e os territórios de que se compunham, tornando-se independentes, não a maior parte das vezes por mérito próprio, visto não terem ainda atingido a maioridade, mas porque o seu nacionalismo nascente apenas foi puxado pelos cordelinhos de ambiciosos «altruistas» que se prepararam para tirar as castanhas do lume, Portugal continua, em contraste que nao deixa de comover, a ser a Pátria de todos os que habitam as suas provincias, independente da sua raça, religião, lingua ou costumes.

Este milagre é a consequência do poder, que exercemos atravez de séculos, em assimilar o indigena. Na evolução das ideias de liberdade fomos os primeiros a abolir a escravatura, a não discriminar as raças, a dar aos indigenas evoluídos os mesmos direitos dos europeus e a confiar-lhes até lugares de direcção.

(Continua na pág. 6)

Já enviaste a tua oferta para a construção do Templo de Alcácer do Sal?

# Brasil-Portugal

Coisa das mais simples do mundo é o encontro destes dois nomes: Brasil e Portugal. Por isso mesmo, tanto se tem complicado! Define-se conforme as perspectivas, canta-se conforme o diapasão, pinta-se consoante as cores preferidas ou as tintas que julgamos convenientes.

Mas aqui iremos falar do que temos por verdade desinteressada, não esquecendo que em público se fica, em geral, aquém dela, e em particular, mal nos percatamos, passamos-lhe muito além.

Ora vejamos: Historicamente, o Brasil social é um filho do Portugal de quinhentos que, emancipado, como foi de direito, cultiva ou desdenha, nega por vezes e afirma outras, a hereditariedade lusiada; e vai convivendo com muitos estranhos à sua origem, usando em larga escala o dom de compreensão universal e de convívio hospitaleiro que de nós herdou.

Geograficamente, é *hoje*, quando os aviões e os meios náuticos velosíssimos galgam distâncias como no tapete maravilhoso das lendas orientais, vizinho de Angola, a maior porção de Portugal; e este facto é cada vez mais significativo.

Filologicamente, o Brasil *pensa português* porque fala português; e a língua é o freio e o estímulo do pensamento de cada geração, que o liga indissolúvelmente às gerações donde procede. O seu povo, «produto de três raças tristes», como disse o admirável Bilac, herdou decerto muito das três estirpes avoengas, mas é a nossa que prevaleceu, por leis psíquicas de que se não pode fugir. Os que desde então vão chegando são assimilados, em duas ou três gerações, pela exuberância natural que os cerca e empolga, pelo poder homogenizador que os vence e conquista.

Psicológica e religiosamente, quantos pontos de contacto encontramos nos dois povos! O que nos assemelha aos latinos, ali está representado nos nossos emigrantes, ainda os primeiros em número, e nos italianos e espanhóis; o que nos aproxima dos semitas, cujo sangue corre nas nossas veias, mais abundante do que se julga, ali se encontra nos sírios, tão profusos em certos estados, e nos judeus, com tradições radicadas; o que recebemos de baltas e germanos, já muito caldeado, em desasseis sécu-

los de vida peninsular, e de africanos e asiáticos, vindos na era do nosso maior prestígio e tráfego, ali está, menos assimilado no Sul, mas vivendo num ambiente muito propício a essa assimilação. Certos traços ali mais vincados são aliás os mesmos que os nossos, em matéria religiosa. O mesmo «eterno feminino» no marianismo exaltado, alimentador da poesia e das artes; o mesmo senso do mistério, que gera as superstições, a alta e a baixa, tanto do sertão fechado como das cidades progressivas; o mesmo apego às nobres tradições de unidade de Credo, às um tanto fátuas de ostentação de culto, e às de costumes supostamente irreformáveis.

No Evangelismo, só a contumácia negaria e só a ingratidão poderá esquecer a pléiade de pioneiros portugueses (vamos lá, nem sempre incultos) que o informaram em boa parte. Santos Saraiva, o humanista famoso; António Trajano, o didacta matemático e distinto homileta; Pinheiro Guimarães, o causídico e escritor; Modesto Carvalhosa, Carvalho Braga; os beneméritos Fernandes Braga Pai e Domingos de Oliveira. E vindo já para novas gerações. Mota Sobrinho e Eurico de Figueiredo, expoentes de verdadeira eloquência; e tantos mais darão, na História destes cem bem contados anos, a nota da presença do velho Portugal.

Os Portugueses... até os que foram de tamanco, para trabalhar com ânimo forte, têm legado em boa parte os haveres conseguidos pelo esforço honesto, ao município brasileiro onde viveram e a que se afeiçoaram. Não se sentiram estranhos, na sua humildade ingénita e nos afectos que os radicaram.

Como já uma vez ali dissemos, com a benévola aprovação de quem nos ouviu, e eram muitos, amigos brasileiros, Cabral, num tamanco armado com a cruz de Cristo nas velas (em face do grande Atlântico pouca diferença do tamanco faziam as caravelas), trouxe o Brasil ao convívio do mundo; e quatro séculos depois Gago e Sacadura, noutro tamanco com motor e hélice, e a mesma gloriosa cruz, levaram a ciência exacta aplicada à aeronáutica, no descimento pasmoso de precisão, nos Penedos de S. Pedro e S. Paulo.

E tudo isto, porque o dizemos? Porque, em nosso entender, está ainda por verdadeiramente realizar a aproximação de portugueses e brasileiros, menos superficial que a de cronistas trabalhando para a afirmação do jornal, que vive um dia; menos protocolar que as palavras medidas e mesuradas dos políticos, presos a fatais responsabilidades; e mais, muito mais seguras que os dictérios correntes, de quem julga com poucos elementos para bem ajuizar.

Entre os nossos amigos pessoais contamos alguns generosos brasileiros, que recordamos com saudade e gratidão; mas livre-nos Deus de fazer crítica através das afeições ou de quaisquer emoções. Verberámos há poucos anos a graçola deselegante e injusta dum jovem, aliás com título que lhe dava responsabilidade, acerca de Camões. Ainda hoje o fariamos, apesar de tudo.

Para a actualização permanente das Santas Escrituras e o enriquecimento da hinologia, da literatura didáctica, enfim da grande herança humana da devoção, da ficção útil, da arte pura, deveríamos adoptar as palavras tão sensatas do ilustre embaixador do Brasil em Lisboa sr. dr. Negrão de Lima: «Sem abandonarmos o lirismo histórico da nossa amizade vamos caminhar para a tornar efectiva e dar realização à letra morta dos tratados».

Ora, se os tratados da alta política são letra morta se os não vivificamos, nas diferentes esferas, com a nossa própria vida, de igual modo o são todos os outros, isto é, qualquer combinação particular, conclusão de congresso, resolução de junta directora. «A letra mata», disse o Divino Mestre. E', pois, coisa morta que mata, porque lhe falta poder de transmissão vital desde que está arredada dos corações e dos cérebros. E das vontades!

Que bom seria, em muitos casos, regressarmos aos étimos!

«Portugal» era um porto (*portus*) junto a uma estrada (*cale*). Topónimo profético duma civilização que abriu estradas e portos, «em pedaços repartida» por mar e terra, civilização provada pela persistência, em meio do outro colonialismo decadente. Assim fomos «fazer Brasil», assim fomos «brasileiros», como todo o operário afeiçoa a matéria que trabalha, e assim é jardineiro ou ferreiro ou correeiro. Assim criámos um gentilico especial no Brasil que mais nenhum

# Em torno duma entrevista

No número de 24 de Janeiro do «Despertar», Paulo Agostinho, arguto anotador de alguns sucessos, dos que mais nos interessam como cristãos reformados, informou os seus leitores de que fôramos entrevistados, com perfeita correcção, até com particular elegância, por dois alunos do Seminário Maior, dos Olivais.

De facto a entrevista saiu *ipsis verbis*, na revista «*Novellae Olivarum*»; e se tivesse havido por acaso ingénuos que esperassem não verem no mesmo número outros artigos que punham o assunto da unidade cristã — no pé da política vaticanista — como se nós, ao publicarmos um artigo católico romano não pusessemos a par dele a afirmação plena das nossas crenças particulares — outros observadores de mais equilibrado julgamento verificaram ser esta, porventura, a primeira vez entre nós que ideais cristãos não romanos eram reproduzidos, não em citação rebatida e sem defesa, mas isenta de manobras inutilizadoras, e até antecédidos de palavras pelo menos caridosas.

Creemos ser assim que também devemos usar; com lealdade mas sem rancor.

De reacções posteriores (no campo amigo ou no adverso, o caso passou despercebido) só nos foi dado conhecer, por gentil oferta da redacção, o artigozinho «Personalidade Duvidosa», inserto no n.º 97, I do tomo XIII, referente a Janeiro-Março deste ano, da revista «Hospitalidade», da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

As iniciais que o subscrevem são as do director da interessante revista, supondo nós por isso que lhe pertence a diatribe, pois de diatribe se trata, não contra nós, que lhe merecemos palavras benévolas, mas contra João Calvino, com a reedição de algumas das mais contundentes e gratuitas acusações que há mais de quatro séculos lhe foram assacadas.

São citações que nos oferecem, é certo. Mas quantas outras poderiam ser aí lealmente acrescentadas, acerca do admirável

disciplinador da lingua francesa e do austero moralizador de Genebra que, expulso pelos libertinos, veio mais tarde a ser reclamado e integralmente reposto pela população escarmentada?

Evidentemente, o grande humanista e religionário pertence à História; e dele e dos seus acusadores tal como dos seus áulicos a História documentada e criteriosa tomou posse para obter a verdade possível, liberta da ganga acumulada pelos ódios de partido e de interesse. Entretanto, no campo das relações interconfessionais, que mal se esboçam em diferentes sectores, não nos parece que seja o caminho da amizade e da paz a reedição do panfletarismo sórdido de outrora.

Deveremos nós, companheiros de testemunho, para captarmos a simpatia dos nossos irmãos «separatistas», que nos consideram «separados», remexer nas misérias dum Borgia, por exemplo? E até firmando-nos, para maior crédito das afirmações, na autoridade de historiadores católicos romanos? E para obscurecer a crueldade da morte de Miguel Servet, antepor-lhe a de tantos e tantos, ilustres como esse, ou simples e humildes crentes, que o Tribunal do Santo Ofício deixou morrer ou mandou matar, «relaxando ao braço secular», e pedindo a este que evitasse o derramamento de sangue, mas certo de que as leis forçavam a derramá-lo?

E assim continuaremos no perpétuo e ridículo jogo de retaliações mútuas, negando o espírito hospitaleiro do Evangelho, esse espírito que praticamente confessaram os cristãos reformados de Genebra, no monumento expiatório a Servet.

Não. Melhor é confessar que todos os humanos somos susceptíveis de paixão, cega e surda ao amor de Deus; e só Ele nos levará a ouvir, por vezes através de bem fortes provações, a grande mensagem de Nosso Senhor: «*Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio, orai pelos que vos perseguem e caluniam*».

Eduardo Moreira

## Publicações Recebidas

«*Colaboradores de Deus*» por Sante Uberto Barbieri. Tradução, prefácio e notas de Eduardo Moreira. Publicação da J. P. C. P. Carcavelos. Dezembro de 1959.

E' já bastante conhecido em Portugal a figura do Bispo Metodista, Sul-Americano, Rev.<sup>m</sup> Sante Uberto Barbieri. De trato simples consegue ao primeiro contacto impressionar-nos pela sua bondade, pela erudição da sua conversa, pela profundidade dos seus conceitos. E' um dos Presidentes do Conselho Mundial das Igrejas e uma individualidade altamente representativa do protestantismo mundial. É autor de importantes trabalhos de exegese, muito apreciados no mundo evangélico.

O seu trabalho «*Colaboradores de Deus*», que já conta duas edições, a primeira em 1945 e a segunda em 1956, e agora traduzido em português e anotado pelo Rev. Eduardo Moreira, é um pequeno tratado de técnica evangelista que procura orientar os que se dedicam à Obra de Deus, professores das escolas dominicais, leitores e pregadores leigos, dirigentes de trabalhos da Juventude, etc, dando-lhes os elementos essenciais para que possam compreender a sua missão. A concepção espiritual do esforço evangelizador é o mais puro que temos encontrado em obras semelhantes. Procura incutir que a catequização não consiste em fanatizar as massas nem leva-las pela emoção a uma conversão duvidosa, mas sim a crear consciências, caracteres, personalidades, cristãos íntegros. E toda esta doutrina é exposta nesta obra com cuidado, critério e muito Amor.

Bem fez a J. P. C. P. em publicar este livro e procurar para tradutor quem o poderia fazer, não só pondo-o em português vernáculo como anotando-o com oportunas e elucidativas notas. E' uma obra, pois, que por todos merece ser lida e estudada.

«*Da necessidade da criação duma teologia comparada*» pelo Rev. Eduardo Moreira (Comunicação ao IV Congresso da Juventude Evang. Portuguesa—1959.) Separata do Portugal Novo.

Com a erudição, a que o público evangélico de lingua portuguesa em todas as obras deste Autor está acostumado, defende o rev. Eduardo Moreira nesta comunicação a necessidade de orientar a Juventude, que se encontra embaraçada perante as

(Continua na pág. 7)

# Questão vital

Sob este título, escrevemos no último número umas palavras focando a necessidade de criarmos nos nossos fiéis aquele espírito evangelístico que permitisse à Igreja a sua expansão espontânea, única que realmente conta para o triunfo de qualquer causa.

Dois bons Amigos fizeram ao que então escrevi, comentários muito criteriosos, e aos quais julgo proveitoso referir-me.

A propósito de eu ter dito que a expansão espontânea da Igreja não podia ser criada por qualquer comissão, um daqueles Amigos observou-me que estava a ser injusto com as comissões, que todo o trabalho sério devia ser cuidadosamente planeado e estudado e que o mal de muitos empreendimentos era exactamente o seu carácter improvisado e portanto desordenado.

Há de facto muito de verdade na observação a que acabo de me referir. Desde que esse espírito evangelístico irrompa, claro que é indispensável a orientação das iniciativas e a coordenação dos esforços. Porém, nenhuma organização do mundo nos pode tornar num corpo eficiente de testemunhas de Cristo; só Deus o pode fazer por sua graça e nós, respondendo a essa graça com uma consagração sem reservas a fazer a sua vontade.

Quando todavia isso for um facto, as comissões de evangelização já estarão prontas. Já estão prontas desde a restauração da Igreja Lusitana. Não é porventura a Junta Paroquial, a Comissão nata de evangelismo, ao nível da Paróquia, segundo a própria definição dos cânones? Não dizem eles que compete à Junta Paroquial promover «por si ou por outros a afluência de novos membros?» (Canon III, Art.º XVII). Por outro lado, a Comissão Permanente do Sínodo tornar-se-á «ipso facto» a Comissão Central de Evangelização, desde que, levar outros a Cristo, se torne numa prioridade não apenas teórica mas dominante, no nosso pensamento e coração de Cristãos.

A «máquina» já nós temos. Energia para a pôr em andamento também, graças a Deus: Recebemo-la, esse «Poder lá do Alto», na Confirmação, e alguns de nós (os clérigos) equipamento especial na nossa Ordenação. Necessitamos de

deixar-nos possuir e actuar por esse poder, o Espírito Santo de Deus, e começemos a contar alguma coisa na vida religiosa portuguesa.

O outro amigo a que me referi, objectou que o momento actual não era para pensar em expansão, mas sim na consolidação do que já temos.

Só um visionário insensato pode deixar de concordar com esta opinião, que tem tanto de prudente como de realista. Seria rematada loucura pretender, nas circunstâncias actuais, cobrir o País com uma rede de pontos de pregação. Como podemos faze-lo, nós que mal chegamos para manter os que possuímos?

Simplesmente, isso não seria *expansão espontânea*.

Mas como se dá então essa expansão espontânea da Igreja? Responderemos: De modo análogo à maneira como se propaga e expande uma epidemia. A comparação não será feliz e presta-se sem dúvida a ser metida a ridículo, mas confesso que é a melhor que posso encontrar.

Uma epidemia expande-se porque em virtude da natureza da doença, as pessoas afectadas por ela, contagiam outros com facilidade. Uma vez através da água, outras por meio de insectos, na maior parte dos casos por contacto directo, às vezes de minutos, o agente passa do indivíduo atacado para o são, para vários indivíduos são, que por sua vez vão depois contagiar outros.

A expansão espontânea da Igreja começará quando os fiéis se tornarem cristãos *contagiosos*. Para isso é necessário em primeiro lugar que tenhamos todos marcado aprofundamento da nossa vida interior. Importa que tomemos maior consciência da nossa indignidade e adquiramos maior apreciação do que Cristo fez por nós. Importa que passemos da posição cómoda e respeitável do fariseu que convida o Senhor a sentar-se consigo à mesa, para a posição de pecadora que lava os pés do Salvador com lágrimas e os enxuga com os seus cabelos, sem se importar com o que pensem ou digam os outros. Só o verdadeiro amor é entusiasta e só o verdadeiro entusiasmo é contagioso.

E' indispensável ainda que tenhamos toda verdadeira consciência da posição da Igreja e da plenitude da sua mensagem, de modo que o fervor individual seja mantido e orientado por uma vida sacramental forte e saudável, garantia de que não se cairá no pietismo e excentricidade, que tem sido a desgraça e ruína de muitos despertamentos religiosos.

Tudo isso implicará muita oração, muito estudo, muita perseverança em ensinar, muita renúncia! Não haja ilusões! Quem semeia pouco, pouco também colherá! Mas vale a pena!

E depois, não haja receios. Se nos tornarmos numa comunidade evangelizadora estaremos automaticamente transformados numa comunidade sólidamente consolidada!

O que é preciso porém é que a nossa orientação seja Cristo-cêntrica e não «confessio-cêntrica» (perdoem-me a palavra). Isto é, devemos meter mãos à obra não por a Igreja Lusitana ser pequena, mas sim porque a maioria dos portugueses não conhece de facto a Boa Nova da mensagem de Cristo.

Evangelizar, porém, é levar almas, não apenas a aceitar Cristo como seu Salvador e Senhor, mas também a servi-lo na Comunhão da sua Igreja. Estamos convencidos de que os portugueses têm tudo a ganhar, servindo Deus na comunhão da Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica.

L. R. Pereira

## BRASIL-PORTUGAL

(Cont. da pág 3)

outro povo usa. O que o holandês fez no mar, nós o fizemos na selva, um outro mar. E ainda hoje nós, os pais da língua, recordaremos a origem nobilíssima dessa palavra. Entre os filhos de Portugal e do Brasil, «brasileiro» é todo aquele que «faz o Brasil», e tanto tem para fazer no grande país! E os que de aqui vão, humildes, esforçados, rudes, afeitos às provações, como os nativos colaboram nessa ingente obra.

Porque não dar o abraço atlântico que honre a língua dos nos- os pais, no conteúdo das palavras que nos deixaram? Que seria esse Congresso Missionário da Língua que há anos propunhamos, sem eco, tão fraca é a nossa voz, encontro que poderia ser magnífico, em São Paulo, Rio ou Brasília?

Eduardo Moreira

# Sermões de 5 minutos

Pelo Rev. AGOSTINHO ARBIOL

*E foram vistas por eles línguas repartidas, como de fogo, que pousaram sobre cada um deles.*

(Actos 1-3)

A Paz de Deus seja convosco.

Depois da festa da Páscoa, comemorativa da saída do povo de Israel da terra do Egipto, a do Pentecostes era a mais antiga. O seu principal fim era levar o povo ao tabernáculo o qual se devia fazer acompanhar das suas ofertas. Esta festa era também um incentivo patriótico para o povo de Israel porque, por meio dela, se celebrava a promulgação da lei no monte Sinai no 50.º dia da partida do Egipto. Foi no dia em que se celebrava esta festa, que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, sendo curioso notar que precisamente nesse dia fazia cinquenta dias que Jesus tinha ressuscitado. A Igreja Cristã comemora, portanto, no dia de Pentecostes a sua organização. Ela já existia antes da descida do Espírito Santo porque Jesus foi simultaneamente seu fundador e seu fundamento. Em muitas passagens da Escritura lemos que Jesus é a pedra principal da Igreja. Ela está, pois, firme nos alicerces do amor, do perdão e da santidade. Era necessário levantar o grande edifício para o qual doze pedras estavam no seu lugar. Dentro do edifício de pedra onde os doze apóstolos estavam reunidos, se formaria outro edifício de natureza divina que seria mais resistente do que a própria pedra. Eu penso, às vezes, que o Espírito Santo não desceria se no número dos apóstolos faltasse um só que fosse. E parece que eles próprios também pensaram o mesmo, porque tiveram o cuidado de nomear um para o lugar de Judas. E uma vez unidos, o Espírito Santo, desceu sobre cada um deles. Reparaí nesta expressão «cada um deles». Não desceu sobre todos ao mesmo tempo, mas sobre cada um por sua vez. Logo, como não podia deixar de ser, foram todos cheios desse dom divino. **CADA UM DELES.** Esta expressão acentua bem o facto de que o dom extraordinário do E. S. é pessoal. Cada crente tem de, pessoalmente, o experimentar para poder ser um

elemento da sua acção poderosa e renovadora. A Bíblia só diz que foram todos cheios do Espírito Santo, depois de cada um o ter recebido. A palavra «todos» é mais vaga e menos definida do que as palavras «cada um». Sentir ou experimentar o amor de Deus pela própria experiência pessoal produz maior gozo e alegria do que pela experiência alheia. É grande a diferença entre as frases «aconteceu comigo» e «ouvi dizer» ou «contaram-me». Uma réstea de sol que me aquece, tem mais sabor que todo o sol que aquece os outros. Na organização da Igreja o fogo desempenhou papel muito importante. Desceram línguas de fogo sobre os apóstolos que deram às suas línguas a capacidade invulgar de falar os idiomas de todos os forasteiros que se encontravam em Jerusalém para tomar parte na festa. Muitos holocaustos se ofereciam no dia de Pentecostes. O holocausto era o sacrifício em que a vítima era inteiramente queimada e figurativamente é a renúncia completa e voluntária de qualquer coisa.

Muitas pessoas perguntam porque se não repete o milagre de Pentecostes. Queremos nós melhor milagre do que o que se verifica pela acção que a Sociedade Bíblica desenvolve, sem cessar, para que ninguém no orbe terrestre, deixe de conhecer as boas novas da salvação? O fogo que foi necessário à organização da Igreja, é também necessário para sua vida e mesmo para a sua disciplina e ordem. Logo após a descida do Espírito Santo, os apóstolos pugnando pela ordem, essa força suave que mantém os homens em harmonia, elaboram para toda a Igreja um padrão de fé e reúnem em Jerusalém o 1.º Concílio para decidir sobre o caso da circuncisão, das carnes sacrificadas aos ídolos e outros sobre os quais surgiriam divergências. O fogo anima a Igreja e conforta as almas. Assim como um lar não pode passar sem fogo, também a Igreja qual lar comum a todos os crentes não pode passar sem ele. Diz a Mitologia que Prometeu, deus ou génio do fogo, depois de formar o homem com o limo da terra, roubou para o ANIMAR, o fogo do céu. A Igreja não será animada com o fogo rou-

bado por Prometeu, mas sim com o fogo que Jesus *prometeu* enviar e cuja promessa cumpriu no dia de Pentecostes. A Igreja sem o fogo do amor da fé e da consagração será uma Igreja sem calor, e, conseqüentemente sem vida e entusiasmo. Feliz é a Igreja em cujos membros arde a chama da fé e do amor fraternal; feliz é a Igreja cujos membros se lembram dos seus pastores, como exorta S. Paulo na ep. aos Heb. 13-7, não para os censurar ou criticar, mas para os ajudar com a sua simpatia na árdua missão a seu cargo. Rica é a Igreja cujos membros, embora pobres, nunca se esquecem de que o pastor é, na expressão do Apocalipse, o castiçal que alumia e para o qual deve prover os meios de ele estar sempre aceso. Feliz é a Igreja cujo membro pobre dá pouco e o rico dá muito, atitudes estas tantas vezes verificadas na posição oposta. Feliz a Igreja para quem o Pastor é pai e para o qual os membros são filhos. Esta é a Igreja que pode resolver todos os problemas, seja qual for o aspecto sob que eles se apresentem.

## Notas e Comentários

(Continuação da pág. 2)

Portugal, é bom lembrar, está presente nos vários continentes, não por direito de conquista, mas mercê do seu espírito descobridor que o levou, por mares ignotos, «a dar ao mundo, outros mundos». Catequizou, civilizou, assimilou o indígena até chegar ao ponto em que hoje nos revelamos ao mundo inteiro, forte nos elos de união de todos os seus territórios, através a dedicação e o sentimento português dos habitantes de todo o Império.

Prof. Pierre Furter

O Prof. Pierre Furter que viveu algum tempo entre nós, apaixonou-se pelos problemas portugueses, num sentimento de admiração pelo nosso povo. Interessou-se muito pelo movimento evangélico o qual achou com pouca coesão, sem o espírito forte necessário para se opor à teologia romana. Muitas denominações para tão poucos crentes. Aquelas contagiavam-se com as divergências, sem reparar que deviam unir-se num desejo de robustecimento da sua Causa e da sua Fé.

Este nosso erudito amigo estudou igualmente os nossos poetas e os nossos escritores, nos quais quis encontrar o objectivo que os faz mover no actual ambiente peninsular. Sobre Miguel Torga, um dos escritores portugueses candidatos ao prémio Nobel da literatura, ao lado de Mestre Aquilino, acaba de publicar num jornal de Zurich um artigo crítico, em que mostra argúcia e espírito de observação e quanto compreendeu a alma lusitana.

*Paulo Agostinho*

**Não esqueças a tua oferta para a construção do Templo em Alcácer do Sal!**

## Calendário Eclesiástico

### AGOSTO

- 6 — Transfiguração de N. S. Jesus Cristo. Liv. de O. pg. 261. Cor. lit.: Branco.
- 7 — 8.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 199. Cor lit.: Verde.
- 14 — 9.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 201. Cor lit.: Verde.
- 21 — 10.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 203. Cor lit.: Verde.
- 24 — Dia de S. Bartolomeu Apóstolo. Liv. de O. pg. 263. Cor lit.: Encarnado.
- 28 — 11.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 205. Cor lit.: Verde.

### SETEMBRO

- 4 — 12.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 207. Cor lit.: Verde.
- 11 — 13.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 208. Cor lit.: Verde.
- 18 — 14.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 210. Cor lit.: Verde.
- 21 — Dia de S. Mateus Apóstolo. Liv. de O. pg. 264. Cor lit.: Encarnado. Têmporas. (1)
- 23 e 24 — Têmporas.
- 25 — 15.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 212. Cor lit.: Verde.
- 29 — Dia de S. Miguel e de Todos os Anjos. Liv. de O. pg. 265. Cor lit.: Branco.

### OUTUBRO

- 2 — 16.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 214. Cor lit.: Verde.
- 9 — 17.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 216. Cor lit.: Verde.
- 10 — 18.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 217. Cor lit.: Verde.
- 18 — Dia de S. Lucas Evangelista. Liv. de O. pg. 267. Cor lit.: Encarnado.
- 23 — 19.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 219. Cor lit.: Verde.
- 28 — Dia de S. Simão e S. Judas Apóstolos. Liv. de O. pg. 269. Cor lit.: Encarnado

## Publicações Recebidas

(Continuação da pág. 4)

doutrinas as mais divergentes, a reconhecer onde está a sã teologia e a livrar-se dos falsos profetas. Os jovens devem procurar colocar-se no verdadeiro sentido da doutrina de Cristo, criando em si uma pura consciência doutrinal e combatendo o bom combate pelo Reino de Deus. Grande responsabilidade dos dirigentes religiosos da mocidade, que têm de integrar-se bem na sua missão sacrossanta, e saber como orientar os novos a encontrarem-se no caminho da verdadeira teologia.

«O Pregador e a pregação. Hinos Princípios e oração.» *Compilação de sugestões práticas, originais e de outros obreiros, Por Guido Waldemar Oliveira. Edição do Autor. 1960.*

É um pequeno orientador homilético do evangelista que tem de dirigir pequenas reuniões, estudos bíblicos, missões, escolas dominicais, etc. Precedido por uma pequena antologia de autores clássicos sobre a arte de falar e o valor da língua, reúne esta obra um certo número de conselhos para aqueles que têm de enfrentar o público e têm a responsabilidade de apresentar as verdades sublimes do Evangelho em língua sã, correcta e clara, segundo uma ordem lógica e conveniente. Não se esqueceu o Autor do valor da música, dando no fim uma classificação dos hinos mais usualmente conhecidos nas Igrejas evangélicas, escolhidos do Hinário «Salmos e Hinos,» em uso em Portugal e no Brasil.

30 — 20.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 221. Cor lit.: Verde.

(1) As Têmporas são dias de jejum e de oração pelo clero e pelos que se preparam para as Sagradas Ordens. Liv. de O. pg. 64

**Lições próprias para a Festa das Colheitas** (Lições do Livro de O. Brasileiro, autorizadas pelo Sínodo):

#### Oração da Manhã:

Salmo 65; Deut. 8: 1-11 e 17-20; I Tes. 5: 12-23  
ou  
Salmo 145; Deut. 26: 1-11 João 6: 26-35

#### Oração de Tarde

Salmo 147; Isaías 12; Fil. 4: 4-7  
ou  
Salmo 104; Deut. 11: 8-21 I Tim. 6: 6-16  
Epístola—Tiago 1: 16-fim  
Evangelho—S. Mateus 6: 25-fim.

*O redactor responsavel, lamenta profundamente o imperdoável «salto», que ocorreu no «Calendário» do último número do Despertar.*

## A Tua Paróquia

A despeito de toda a sua fraqueza e infidelidades, não te separe da Paróquia em que Deus te colocou...

Se está fraca, invoca sobre ela o poder do Espírito Santo.

Se está dividida, une-a pela fé. Se está morna, aquece-a com o amor de Cristo...

Não censure, ora. Une a tua oração à de Cristo que intercede pela Igreja e se santifica por ela.

Não censure, confessa a Deus o pecado da Igreja de que tu és membro e portanto também responsável...

Não censure, obedece. Põe-te ao serviço de Deus, pronto a fazer o que ele quizer, como ele quizer e onde ele quizer...

E lembra-te sempre de que Deus é aquele que pode fazer por nós muito mais, infinitamente mais, do que aquilo que pedimos ou compreendemos, pelo poder do seu Espírito em nós.

*Gilberte de Rougemont*

## Sínodo Geral da Igreja Lusitana

(Continuação da pág. 1)

márias; Elaboração de planos financeiros e projecto de arrumo geral do Ministério da Igreja, tornado necessário pela resignação do nosso Bispo como Diocesano em Outubro deste ano, conforme o estabelecido.

Estes trabalhos serão apresentados na próxima reunião do Sínodo que será, querendo Deus, em 22 de Outubro próximo.

A Comissão Permanente anterior foi reconduzida.

No dia 11, à noite, realizou-se o Culto de encerramento, na Igreja de S. João Evangelista, Vila Nova de Gaia, em que pregou o Rev. Josué de Sousa Junior.

**Não esqueçais de auxiliar as iniciativas da Igreja Lusitana: Lembrai-vos deste pequeno boletim que não pode viver sem o vosso auxílio; ajudai com o máximo das vossas possibilidades a erguer o templo de Alcácer do Sal.**

**«Deus ama ao que dá com alegria».**

# PELA IGREJA

## Comemoração do 57.º aniversário da Liga de E. C. de Gaia

No dia 9 de Maio a Liga de E. C. de Gaia (Torne) comemorou o 57.º aniversário com uma festa simples mas que a todos agradou. Presidiu o Rev.º Bispo da Igreja Lusitana D. António Ferreira Fiandor, Presidente honorário da Liga e foi orador oficial o Rev. Ireneu da Silva Cunha que definiu maravilhosamente o lema do E. C. em todo mundo «Por Cristo e sua Igreja». Todas as sociedades se fizeram representar, tendo os oradores, ao levantarem-se, sido saudados com a música das primeiras palavras dos respectivos hinos. Disseram versos com muita arte o irmão Joaquim Pinto de Almeida e a menina Emília Manuela Filipe, a qual também tocou um lindo trecho de música. Colaborou o coro da Igreja sob a direcção da Professora D. Adelaide de Carvalho, acompanhado ao piano pelo esforçado Carlos Alberto Jesus Almeida. Os pequeninos irmãos Vasconcelos, Nené, Bélinha e Ludo cantaram pela primeira vez hinos acompanhados ao piano pela esforçada Adelaide Irene Arbiol.

## Esforço Cristão

*Conferência em Glendermott. Ilha de Bute, Escócia de 31 de Maio a 3 de Junho de 1960*

*62.ª e 59.ª Convenções Britânica e Escocesa, em Glasgow e Edimburgo, de 4 a 7 de Junho de 1960*

A União Portuguesa de Esforço Cristão (U. P. E. C.) teve a honra de ser representada pelo seu presidente na Conferência da União Mundial de E. C. (Area II) realizada na Casa de Férias do E. C. em Rothersey, Ilha de Bute e também na 62.ª e 59.ª Convenções de E. C. respectivamente Britânica e Escocesa, realizadas em conjunto nas cidades de Glasgow e Edimburgo, de 4 a 7 do mês de Junho.

Numa das reuniões de trabalhos do Comité Executivo da União Mundial de E. C. (Area II) foi a União Portuguesa de E. C. (UPEC) admitida oficialmente e por unanimidade naquela União Mundial (Area II) a qual abrange a Europa, Africa, India e o Médio Oriente. O nosso país também teve a honra de ser escolhido para a realização da próxima Conferência da Area II no ano de 1963 em cuja ocasião a UPEC levará a efeito, se Deus o permitir, a sua 2.ª Convenção.

Algumas actividades da 1.ª Convenção da UPEC, realizada no Porto e Vila Nova de Gaia, de 31 de Janeiro a dois de Fevereiro do corrente ano, foram projectadas por meio de *slides* numa das reuniões da Convenção na Escócia, e foram muito apreciados os distintivos da UPEC, tendo o seu presidente oferecido alguns a delegados de vários países ali representados. A uma reunião devocional realizada no St. Andrew's Hall, em Glasgow, em que pregou o jovem milionário Howard C. Butt Jr., do Texas, colaborador de Billy Graham, calcula-se que assistiram 25.000 pessoas.

A União de E. C. da Grã-Bretanha e Irlanda é composta de 2.901 Sociedades com 55.814 membros. O presidente da UPEC

apresentará oportunamente em reuniões especiais do E. C. o seu relatório com projecção de *slides*, mostrando algumas das actividades desta dupla Convenção.

## Igreja de S. João Evangelista V. N. de Gaia

### Festa das Mães

No domingo, 15 de Maio realizou-se na Igreja de S. João Evangelista a tradicional Festa das Mães com um sermão apropriado ao acto e baseado no texto de S. Marcos 10-13 a 16. No fim do culto as alunas e alunos da E. D. leram passagens da Bíblia alusivas ao amor de Mãe e cantaram dois hinos escolhidos. Foram feitas orações especiais e prestada eloquente homenagem áqueles que não tinham mãe. Foi também observada a cerimónia da entrega das flores e da estampa, tendo á mesma e aos textos que continha, feito o Pároco lisongeiros referências.

## Igreja de Cristo Remidor Alcácer do Sal

Foi distribuído pelas Igrejas um postal com o projecto da Igreja a construir nesta histórica vila. Esperemos que seja utilizado com entusiasmo, enviando-o a pessoas amigas a fim de fazermos conhecer as nossas necessidades. E que nos não esqueçamos de enviar o nosso óbulo também. Todos os que desejarem contribuir para a construção deste templo é favor enviar os seus donativos para o Rev.º Bispo D. António Ferreira Fiandor, Torne, Vila Nova de Gaia.

Ajudar esta congregação é ajudar o movimento de Reforma da Igreja em Portugal.

Não esqueçais. Ajudai esta pequena mas entusiasta congregação.

O preço do postal é tão sómente para custear a sua impressão.

## Igreja de S. Paulo — Lisboa.

### Homenagem ao Rev. Eduardo Moreira

Por ter completado doze anos de ministério na Igreja Lusitana, os membros desta congregação reuniram-se numa pequena mas significativa homenagem ao seu pastor, Rev. Eduardo Moreira. Falou em nome de todos ali reunidos, o Rev. João Soares de Carvalho que enalteceu as qualidades do homenageado, homem de letras, que pela escrita e pela palavra, numa vida inteira, muito tem contribuído para a Reforma da Igreja no nosso País. Como poucos conhece as condições do evangelismo em Portugal e nas províncias ultramarinas que visitou com interesse e minuciosamente.

No fim da sessão foi oferecido um lindo presente ao Rev. E. Moreira, e um ramo de flores a sua Ex.ª Esposa, D. Laura Moreira. A Sociedade de Senhoras desta Igreja esmerou-se num bem servido chá em honra dos homenageados, em que todos os presentes foram convidados a tomar parte.

O «Despertar» associa-se do coração a esta homenagem, não esquecendo a cooperação que o Rev. E. Moreira deu à CEPI e ao MoRI, fundador deste boletim, e o entusiasmo com que sempre discutiu os assuntos deste movimento em prol da Igreja.

A sua adesão de facto à Igreja Lusitana, foi feita na convicção de que a Igreja Reformada em Portugal necessitava para se apresentar perante o pensamento liberal do País, representado pelos nossos melhores escritores de antanho e do presente, de uma estrutura de carácter tradicional, unida, forte em sua organização. Ainda há pouco, num congresso da J. E. P. o Rev. E. Moreira defendeu a necessidade de uma teologia comparada, como contribuição para uma melhor compreensão das ideias reformadas e para um passo mais em frente na evolução ecuménica dos diferentes ramos do protestantismo no nosso País.

### Sociedade de Senhoras

Por iniciativa da Sociedade de Senhoras, cuja presidente, Sr.ª D. Maria Luiza Reis tem mostrado originalidade e espírito de organização, foram apresentados no Salão Social desta Igreja, por duas vezes já, concursos de trabalhos de costura que suscitaram muito interesse por parte da congregação.

O primeiro concurso foi de aventais. Foram passados, por gentis meninas da congregação, que serviram de manequins, os mais artísticos e variados aventais, que a assistência adquiriu e rapidamente esgotou. O segundo foi de lenços. A exposição era bastante variada também, encontrando-se lenços de todas as formas e feitios, e que igualmente foram muito apreciados. Neste segundo certame, fez-se a par com os lenços, um concurso de quadras, em relação com esta iniciativa, tendo o Rev. E. Moreira ganho o 1.º e 2.º prémio e a Sr.ª D. Isabel Rego ganho o 3.º prémio.

Tanto os aventais como os lenços haviam sido confeccionados pelas senhoras da Igreja, com um carinho e dedicação que muito é de louvar.

### Concerto de Música Sacra

Realizou-se no dia 27 de Junho um Concerto de Música Sacra, em auxílio do Fundo de Obras desta Igreja e executado pelo Orfeão da Juventude Evangélica Portuguesa, dirigido pelo conhecido regente Sr. Paulo Maurício e que se apresentou segundo as suas já tradicionais qualidades de disciplina e afinação. Foram cantadas obras de autores célebres e igualmente corais evangélicos que a assistência escutou com muito apreço.

## Igreja de S. Mateus Vila Franca de Xira

Como é tradicional nesta Igreja, celebrou-se no Domingo das Rogações a chamada Festa do Trabalho. O templo, estava ornamentado com ferramentas das diversas profissões representadas na congregação. De manhã, a Eucaristia foi precedida pela Ladainha; e no culto vespertino, após o Ofício litúrgico próprio do Domingo, houve interessões pelas várias profissões e actividades.

O Núcleo de Campismo «As Sentinelas», anexo a esta Paróquia, retomou as suas actividades e está a preparar activamente o «III Acampamento Rio Tejo», desta vez com o patrocínio da Câmara Municipal; deve afluír grande número de campistas dado o prestígio de que o nosso Núcleo goza.